

MARISA LAJOLO
REGINA ZILBERMAN

Literatura infantil brasileira
História & Histórias



Nova edição revista e ampliada



Sumário

1. Revisitando história & histórias: Um outro livro? Mais uma história? . 13
2. Era uma vez um livro . 23
3. Escrever para crianças e fazer literatura . 33
4. Na República Velha, a formação de um gênero novo (1890-1920) . 45
 - 4.1. República e abolição no limiar de um novo tempo . 46
 - 4.2. *Belle Époque* à brasileira . 49
 - 4.3. A nacionalização da literatura infantil . 58
 - 4.4. O nacionalismo na literatura infantil . 61
 - 4.4.1. As imagens do Brasil . 62
 - 4.4.2. A paisagem brasileira . 72
 - 4.5. O modelo da língua nacional . 75
5. De braços dados com a modernização (1920-1940) . 83
 - 5.1. Livros e autores . 84
 - 5.2. Décadas de reformas . 88

- 5.3. Revoluções na cultura brasileira . 93
- 5.4. A utopia do Brasil moderno e rural . 99
 - 5.4.1. Brasil: um grande sítio? . 100
 - 5.4.2. Aspirações e limites da vida rural . 110
- 5.5. A pressão da fantasia e o motivo da viagem . 115
- 5.6. Da matriz europeia ao folclore brasileiro . 120
- 5.7. Os temas escolares . 133
- 5.8. Observações finais . 143

- 6. Entre dois brasis (1940-1960) . 149
 - 6.1. Escritores em série . 149
 - 6.2. Décadas de democracia . 154
 - 6.3. Internacionalização e nacionalismo na cultura brasileira . 159
 - 6.4. A sobrevivência do Brasil rural . 168
 - 6.4.1. O império do café . 169
 - 6.4.2. Saudades do sertão . 172
 - 6.4.3. Sítio e aventura . 177
 - 6.5. O segundo eldorado . 181
 - 6.5.1. A epopeia bandeirante . 182
 - 6.5.2. A Amazônia misteriosa . 187
 - 6.6. A infantilização da criança . 193
 - 6.7. Os vultos da história . 203
 - 6.8. Observações finais . 207

- 7. Indústria cultural & renovação literária (1960-1980) . 213
 - 7.1. Escritores do período . 213
 - 7.2. Tempos de modernização capitalista . 222
 - 7.3. Literatura: artigo de consumo . 227
 - 7.4. A narrativa infantil em tom de protesto . 236

Literatura infantil brasileira

- 7.5. A literatura infantil em ritmo de suspense . 243
- 7.6. A ruptura com a poética tradicional . 251
- 7.7. Em busca de novas linguagens . 264
- 7.8. Balanço geral . 275
- 8. Entrou por uma porta e saiu por outra . 279
- 9. Cronologia histórico-literária . 285
- Referências bibliográficas . 335

*Revisitando história & histórias: Um outro
livro? Mais uma história?*

Tão cedo passa tudo quanto passa!

Ricardo Reis¹

Redigido entre 1982 e 1983, este livro foi publicado pela primeira vez em 1984. A essa primeira edição seguiram-se muitas outras, com alguma atualização e correções, mas sem alterações no conteúdo, nem na perspectiva. Nesta nova versão, perspectiva e conteúdo foram preservados, mas introduziram-se algumas mudanças para as quais chamamos sua atenção.

O conteúdo permanece igual: o livro traça a trajetória da literatura destinada a crianças desde as últimas décadas do século XIX, literatura essa predominantemente escrita por autores e autoras nacionais. Examinando atualmente o panorama da *história & história* que então contamos, cabe buscar um olhar renovado para interpretá-lo: o *corpus*, como seria de se esperar, aumentou quantitativamente, alcançou maior robustez e ampliou o alcance de seus temas e formas de manifestação.

¹ Pessoa, *Odes de Ricardo Reis*, p.92.

Além disso, também se ampliou a bibliografia que se debruça sobre literatura infantil.² Ao lado do aparecimento de grande número de obras individuais e coletivas sobre aquela matéria, publicaram-se volumes temáticos em periódicos científicos, propuseram-se teses e dissertações, bem como projetos de pesquisa. Esses resultados demonstram o encorpamento da disciplina e das investigações dedicadas ao exame de obras para crianças e jovens nos níveis da graduação e da pós-graduação em cursos de Letras, Pedagogia e Educação.

Nós mesmas propusemos outros títulos: *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira – histórias, autores, textos*, em 1986, e *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*, em 2017.

No plano econômico, a partir das últimas décadas do século XX, criações para a infância e juventude tornaram-se um veio crescentemente rentável para os profissionais envolvidos na cadeia do livro: autores, ilustradores, coordenadores de coleções, editores, distribuidores e livreiros, entre outros. Atestando sua qualidade, a produção nacional foi acolhida favoravelmente no mercado internacional, e premiações como o Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA), concedido a Lygia Bojunga Nunes em 2004, o Hans Christian Andersen, também atribuído a Lygia Bojunga em 1982, a Ana Maria Machado em 2000 e a Roger Mello em 2014, além da inclusão de inúmeros artistas brasileiros no White Ravens, lista organizada pela Biblioteca de Munique, constituem atestado seguro da maturidade do gênero entre nós.

2 Relativamente aos estudos brasileiros dedicados à literatura para crianças e jovens, cf. Mortatti; Bertoletti; Oliveira (Orgs.). *Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)*.

No início da década de 1980, quando a primeira edição deste livro veio a público, a literatura infantil já dispunha de uma larga rede de instituições que a apoiava. O programa mais promissor de acesso a publicações para crianças era o Ciranda dos Livros, cuja duração estendeu-se de 1982 a 1985, promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e patrocinado pela Fundação Roberto Marinho e pela farmacêutica Hoescht. O projeto Salas de Leitura, desenvolvido pela depois extinta Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), dava seus primeiros passos.

Nos anos 1990, o panorama era outro, já que se ampliou o conjunto de programas voltados à literatura infantil. Instituiu-se, em 1997, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que contava com o suporte financeiro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e o apoio do Ministério da Educação. Livros chegaram a rincões bem distantes do centro econômico no país, consubstanciando a indústria editorial graças a aquisições milionárias.³

Não por outra razão premiações nacionais, como as da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (CBL), as da Biblioteca Nacional ou o Barco a Vapor, da Fundação SM, reconheceram

³ Conforme Cláudia Leite Brandão, foram adquiridos, entre os anos 1998 e 2014, 316.440.303 volumes, ao custo de R\$ 1.163.462.259,86. Cf. Brandão, Programa Nacional Biblioteca da Escola: mudança, permanência e extinção. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE; VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD / Cátedra Unesco). Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26530_14096.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.

a vitalidade do gênero e conferiram diferentes troféus a seus produtores, distribuindo as lãureas em categorias distintas, como poesia, narrativa, teatro, ilustração, adaptação, tradução, entre outras. Sob esse aspecto, a FNLIJ, que, já nos idos dos anos 1980, exercia inegável liderança, continuou desempenhando papel de relevo, ao valorizar, por meio de seus instrumentos operacionais, o melhor de nossa arte para a infância e juventude.

Colocando em outros termos: o conteúdo deste livro é e não é igual ao dos volumes até hoje em circulação. Tem continuidade em outro livro que escrevemos, para dar conta do que apareceu depois do lançamento da edição de 1984.

É sob esse aspecto que se manteve, nesta nova edição, a perspectiva adotada desde a primeira. Como sugere o título, o foco é histórico – mais do que isso: é historiográfico e, como tal, calcado na cronologia, que narra os acontecimentos desde o passado até o presente (ou suas vizinhanças). Manteve-se com isso a grade cronológica, dividida em períodos decorrentes dos aspectos que os livros publicados em determinada faixa de tempo trazem em comum.

Assim, foram reunidas em um primeiro núcleo, examinado no capítulo 4, as obras que representam as tendências emergentes no final do século XIX e primeiras décadas do século XX: as adaptações dos clássicos europeus, como os que Carlos Jansen (1829-1889) traduziu e Figueiredo Pimentel (1869-1914) colecionou, as obras de cunho patriótico que se articulavam explicitamente aos programas escolares, e as narrativas de propensão regionalista.

Os anos 1920 fornecem outro panorama, sob o impacto dos esforços em nome da modernização da sociedade e da literatura,

de que resultaram revoluções políticas e estéticas, como as de 1930, liderada por Getúlio Vargas (1882-1954), e a de 1922, capitaneada por Mário (1893-1945) e Oswald (1890-1954), os Andrades paulistanos. É quando desponta a figura contraditória de Monteiro Lobato (1882-1948): híbrido de escritor e homem de negócios, era indesejado por alguns dos mentores do Modernismo e idolatrado pelo público formado por crianças. Mas não só ele: nomes que renovaram a prosa brasileira – como Graciliano Ramos (1892-1953), Erico Verissimo (1905-1975), Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) e Viriato Correia (1884-1967) – também compõem o elenco de criadores estudados no capítulo 5.

Em meados dos anos 1940, alguns fatos sugerem nova volta do parafuso: o final da Segunda Guerra, na Europa, e a queda de Getúlio Vargas levam a um surto democrático que, embora de curta duração, marca a produção artística brasileira, que assume um modernismo menos nativista, na contramão do que fizeram os líderes de 1922. A morte de Monteiro Lobato – e, sobretudo, o encerramento da saga do Sítio do Picapau Amarelo, em 1944, com a publicação de *Os doze trabalhos de Hércules* – também provoca efeitos em nossa trajetória de livros para o público jovem. Uma outra geração se apresenta, ainda que, em muitos casos, caudatária da contribuição do criador de Emília. Mas outros veios são igualmente explorados, destacando-se as narrativas que expõem a decadência da economia fundada na produção cafeeira, determinando um ciclo que apresenta a conquista do Oeste – de que a fundação da cidade de Brasília é um dos frutos – como alternativa válida tanto para o gênero destinado à infância e juventude quanto para a sociedade nacional, em sua luta perene pela libertação dos laços de dependência.